



Charles Darwin: 1809-1882



Casa da fazenda Itaocaia (RJ), descrita por Darwin como casa-grande

BICENTENÁRIO DE DARWIN

COMEMORAÇÕES CONFIRMAM VIGOR E ATUALIDADE DO EVOLUCIONISMO

O impacto dos 200 anos de nascimento de Charles Darwin na mídia mostra que sua obra mantém o poder de provocar, ainda e sempre, tanto debate. Sua vida e obra são apresentadas nos mais variados meios de comunicação como algo entre o inusitado, o inesperado, o meticuloso e o extraordinário. Temos a impressão de que interessaria à mídia aproximar os distintos públicos das facetas de um cientista e de seu trabalho afirmando-os como importantes e grandiosos.

Uma das formas de gerar essa sensação é a produção de sentidos sobre Darwin como aquele que prevê a catástrofe dos desequilíbrios e mudanças ambientais. É o caso do filme *O*

pesadelo de Darwin (2004), um documentário a respeito de desequilíbrio socioambiental e cultural na África, que tem produção e montagem afirmadas pelo diretor Rubert Sauper como sendo minimalistas, uma aproximação, talvez, com registros indiciários, pistas das vidas em outros tempos geológicos. A miséria, a guerra e os efeitos da globalização, tônica principal de denúncia desse documentário, estão associados à ideia de uma pré-visão, próxima a uma vidência de Darwin que “desnaturalizaria” algumas sociedades humanas. Um Darwin *cine trash* que, em vários aspectos, se aproxima dos últimos feitos e possibilidades da biotecnologia, também postos

em circulação pelas mídias: a possibilidade de selecionar melhores embriões, com características pré-definidas, traz à tona, novamente, o mecanismo apontado por Darwin como responsável pela evolução: a seleção natural.

O reforço à observação e ao trabalho meticuloso, inventivo e de descrição imaginativa da natureza, o que se aproxima de uma literatura da história natural, e a vida pessoal, os conflitos, as dúvidas e os meandros do cotidiano da época, das viagens e da história familiar de Darwin interessam muito. O filme *Creation* (http://creationthemovie.com/the_film/), a ser lançado, é narrativa visual em que a literatura é escolhida para gerar os efeitos de regulação da experiência da obra de Darwin em nossa sociedade, e em nós mesmos. Também parecem desejar essa humanização – universal e singular ao mesmo tempo – as peças de teatro *After Darwin*, encenada em Portugal em 2007, e o *Monólogo de Charles Darwin*, ato inau-

gural da Seara da Ciência, espaço de divulgação científica e tecnológica da Universidade Federal do Ceará (UFCE). Por que seria tão importante, no momento em que as pesquisas científicas no campo da biologia tornam-se biotecnológicas, essa aparição de Darwin como o observador, com seus registros de próprio punho, com os cadernos descritivos de mil e uma espécies, a catalogação da natureza por meio de viagens? A presença do “narrador Darwin” é fundamental nesses movimentos. Tal narrativa, nos filmes, literatura e teatro, concentram-se em um processo realizado originalmente pelo pensador/cientista/naturalista.

MESMOS PASSOS, NOVOS CONTEÚDOS

O caminho feito pelo naturalista, na sua passagem pelo Brasil, em especial no Rio de Janeiro, foi refeito no ano passado depois de quase dois séculos, em uma iniciativa conjunta do Ministério da Ciência e Tecnologia, Casa da Ciência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Departamento de Recursos Naturais (DRM-RJ), ao lado do especialista em Darwin e tataraneto dele, Randal Keynes, por Sandra Escovedo Selles, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). O projeto destacou a importância dessa passagem pelo Rio de Janeiro para a teoria que vem atravessando séculos. Houve intenso envolvimento de professores e estudantes das escolas da educação básica das cidades hoje localizadas na região por onde Darwin passou. Sandra e a historiadora Martha Abreu, da mesma universidade,

pesquisaram os escritos e anotações feitas pelo naturalista durante sua passagem no Rio, onde aparece um Darwin que veio ao Brasil, oriundo de uma família liberal e bem carregado pelas ideias iluministas, impressionado com as relações escravistas que encontrou. O primeiro contato profundo dele com as relações escravistas foi justamente no Rio. Chamou a atenção de Sandra o fato de a maior parte dos registros da viagem de Darwin ao norte fluminense estarem relacionados às descrições da relação entre senhor e escravo. “Esse Brasil que ele estava vendo era um país para além de um Brasil natural – simplesmente natureza e representação biológica – mas um Brasil de uma outra cultura, de uma outra relação humana que Darwin estava querendo elaborar naquele espaço de tempo”, relata a pesquisadora. A escravidão é algo que marca Darwin profundamente. “Quando ele vê um cidadão britânico vendendo uma mulher e os filhos, ou seja, fazendo algo que jamais imaginaria acontecer na Inglaterra, ele começa a olhar a diversidade humana também como parte de uma diversidade maior que estava querendo entender”. A partir de sua visita ao Brasil, ele passou a querer entender a diversidade de animais e plantas sem diferenciar a diversidade humana do mundo vivo. “Eu acho que isso foi a coisa mais genial de Darwin: ele poder analisar a questão da diversidade biológica e a humana como algo inseparável, uma vez que, ao contrário do que, por exemplo, ele fez em Galápagos, onde os registros foram descritivos, no Brasil, registros e co-

mentários contem juízo de valores, colocando seus sentimentos”.

DIVERSIDADE ESSENCIAL Dessa forma, a experiência com a diversidade humana foi fundamental para Darwin elaborar sua teoria e a diversidade étnica emerge na obra dele – *A origem do homem* – em que ele tenta explicar essa questão. *A origem das espécies* e *A origem do homem e a seleção natural* podem ser vistas como uma única obra, pois, a partir de sua viagem ao Rio, ele passa a ver a diversidade humana e biológica como algo indistinto, o homem como parte do mundo vivo. “Esse foi um dos aspectos revolucionários da obra de Darwin, independente das outras ideias dele”, completa Sandra.

Nos processos educativos em que as mídias se aventuram, parece também interessar às pedagogias culturais enfatizar a busca por conhecer as identidades dos humanos pela evolução biológica (o canal Globo News, por exemplo, exhibe a série *Por que somos o que somos?*). Esse engendramento vem sendo realizado, no ano Darwin, com o auxílio de uma estrutura representacional na qual vida, pensamento e cultura não se dissociam. Ao invés de atualidade, poderíamos pensar em uma “atualização de Darwin”, uma variação da história para o quê o presente requer.

Antonio Carlos Amorim
Alessandro Piolli

Antônio Carlos Amorim é biólogo, professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Alessandro Piolli é biólogo, especialista em jornalismo científico e doutorando do Departamento de Política Científica e Tecnológica (DPCT) do Instituto de Geociências da Unicamp.